

CONTRACULTURA

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

possibilitar aos alunos a percepção das transformações que marcaram o movimento de contracultura e, principalmente, o ano de 1968, como um movimento global;

situar o Brasil no interior desse movimento global e perceber a especificidade do movimento de contracultura brasileiro;

relacionar o movimento de contracultura com o contexto da Guerra Fria, no qual estava inserido;

perceber a importância dos movimentos artísticos, como a música e as artes plásticas, no movimento de contracultura.

INTRODUÇÃO

O século XX foi marcado por intensas transformações, as quais envolveram, em geral, conflitos entre diferentes países. Esse século foi caracterizado por Eric Hobsbawm como breve, e assim denominado. Tal adjetivo deve-se à datação que o autor adotou para definir o início e o final desse século. Como início do século XX, Hobsbawm aponta o ano de 1914, pois nele iniciou-se a Primeira Guerra Mundial; portanto, esse ano caracteriza o fim do período denominado de Belle Époque, que se iniciara no século XIX e estendera-se até 1914. Como final do século XX, Hobsbawm aponta o ano de 1991, uma vez que nele ocorreu o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, fechando um ciclo que se iniciara com a Primeira Guerra Mundial.

Esse período teve transformações sociais, culturais, políticas e econômicas variadas e viu algumas das principais potências perderem fôlego, enquanto países emergentes conquistavam os holofotes. É em tal contexto que se situa o movimento de contracultura, objeto de estudo desta unidade.

CONTRACULTURA: JUVENTUDE E GUERRA FRIA

O século XX foi um período marcado por intensas transformações que, muitas vezes, aconteceram com grande rapidez. Podemos, ao rever rapidamente esse século e seus principais acontecimentos, verificar mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais.

O século passado teve, entre seus grandes eventos: duas guerras mundiais; o surgimento, fortalecimento e posterior enfraquecimento do socialismo; o processo de independência de inúmeras colônias que haviam surgido com a industrialização de fins do século XIX; uma industrialização intensa e crescente em várias partes do mundo; regimes militares; crises econômicas mundiais; e vários outros episódios relevantes.

Dentre todos esses processos de mudança, nos concentraremos em analisar o movimento de contracultura. Esse movimento, que teve força global, provocou mudanças em todas as áreas das sociedades: na arte, na música, no teatro, na cultura em geral, além de transformar política, econômica e socialmente vários países.

O século XX foi marcado por uma quantidade de países – localizados principalmente na Europa, além dos Estados Unidos e Japão – que eram potências econômicas e políticas mundiais.

Os Estados Unidos assumiram essa posição aos poucos, à medida que obtiveram lucro ao fim das duas guerras mundiais e ofereceram empréstimos aos países europeus que se reconstruíam após os conflitos. Os países europeus, por sua vez, enquanto reconstruíam seus territórios, plantações e indústrias, reassumiram posições relevantes no comércio e na política mundiais.

No entanto, esse poderio e supremacia europeia e estadunidense frente ao resto do mundo eram desafiados pelo bloco socialista, liderado pela Rússia. Existiam, portanto, dois grandes blocos econômicos, o capitalista e o socialista, que lutavam pela supremacia mundial, desencadeando a Guerra Fria e mesmo conflitos armados, como a Guerra do Vietnã.

Os líderes de cada um dos blocos – Estados Unidos, líder do bloco capitalista, e Rússia, do bloco socialista – baseavam suas riquezas e seu lucro na exploração e dominação de outros territórios periféricos, localizados na África, Ásia e Américas.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, vários países que estavam submetidos ao poder e controle dessas potências passaram a lutar pela liberdade, aproveitando o momento de fragilidade enfrentada pelos países imperialistas após os conflitos da Segunda Guerra Mundial. Iniciava-se, nesse momento, um processo de intensas transformações nas sociedades.

Com o fim dos impérios, a Guerra Fria dominou o cenário mundial político e econômico, desencadeando conflitos armados, desentendimentos e novo processo de tentativa de controle sobre os países periféricos. Essa nova onda de domínio das potências sobre os outros países se fez a partir da tentativa de expansão da influência do capitalismo e do socialismo no mundo.

GUERRA FRIA

Eric Hobsbawm caracteriza a Guerra Fria como uma consequência da Segunda Guerra Mundial, ao afirmar que

A Segunda Guerra Mundial mal terminara quando a humanidade mergulhou no que se pode encarar, razoavelmente, como uma Terceira Guerra Mundial, embora uma guerra muito peculiar. Pois, como observou o grande filósofo Thomas Hobbes, ‘a guerra consiste não só na batalha, ou no ato de lutar: mas num período de tempo em que a vontade de disputar pela batalha é suficientemente conhecida’. A Guerra Fria entre EUA e URSS, que dominou o cenário internacional na segunda metade do Breve Século XX, foi sem dúvida um desses períodos. Gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento, e devastar a humanidade. (HOBSBAWM, 1995, p. 224).

E o mencionado autor continua:

A peculiaridade da Guerra Fria era a de que, em termos objetivos, não existia perigo iminente de guerra mundial. Mais que isso: apesar da retórica apocalíptica de ambos os lados, mas sobretudo do lado americano, os governos das duas superpotências aceitaram a

distribuição global de forças no fim da Segunda Guerra Mundial, que equivalia a um equilíbrio de poder desigual mas não contestado em sua essência. A URSS controlava uma parte do globo, ou sobre ela exercia predominante influência – a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou outras Forças Armadas comunistas no término da guerra – e não tentava ampliá-la com o uso de força militar. Os EUA exerciam controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista, além do hemisfério norte e oceanos, assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das antigas potências coloniais. Em troca, não intervinha na zona aceita de hegemonia soviética. (ibidem).

Além do conflito entre as potências socialista e capitalista, outros fatores desencadearam o movimento da contracultura. Podemos citar a desigualdade entre brancos e negros na sociedade estadunidense, o desejo de melhores condições de vida, trabalho e salário de trabalhadores de diferentes partes do mundo, o desejo de liberdade de alguns povos que ainda se encontravam sob domínio imperialista.

Tendo esse contexto de surgimento, o que caracterizou o movimento de contracultura foi, em síntese, o questionamento frente às autoridades, o que inclui o governo, os pais, os professores, as instituições em geral, a organização familiar tradicional, a Igreja Católica... Os principais protagonistas desse movimento foram os jovens, pois “a juventude, um grupo com consciência própria [...] agora se tornava um agente social independente.” (HOBSBAWM, 1995, p. 317).

Esses jovens questionavam o “sistema”, ou seja, tudo aquilo que caracterizava as gerações anteriores. Esse questionamento englobava, por exemplo, as hierarquias políticas e econômicas entre os diferentes países, representadas na disputa entre socialistas e capitalistas por obter maior influência mundial. Também era alvo de debates a falta de liberdade por causa do excesso de autoritarismo – fosse o autoritarismo ou intervenção do Estado na sociedade através do Estado de Bem-Estar Social Capitalista, ou o autoritarismo soviético; fosse a moralidade da Igreja Católica, ou a presença dos pais estabelecendo limites aos seus filhos, os quais, por sua vez, desejavam ultrapassá-los.

A percepção de que o mundo das gerações anteriores está falido, de que as instituições que caracterizavam aquele mundo eram falhas, levou a juventude a desejar ultrapassar aquela sociedade em que havia nascido para criar uma nova sociedade, fundada sob novos valores e instituições.

A contracultura tinha como seu principal motor a transgressão de valores impostos pelas gerações e modelos sociais, políticos e econômicos que representavam as gerações anteriores. Essas transgressões, o desejo de chocar, enfrentar, questionar e criticar ganharam significado político, já que envolviam diferentes esferas do cotidiano de uma sociedade. A juventude assumia uma importância política que jamais tivera anteriormente.

A construção dessa juventude ativa e questionadora se deu a partir das décadas de 1950 e 1960. Esses decênios configuraram-se como palco da formação de uma juventude diferente, que, segundo Hobsbawm (1995), trazia três novidades. A primeira era que a juventude deixou de ser vista como um estágio intermediário entre a infância e a vida adulta, e passou a ser considerada como o ápice e a finalização do desenvolvimento humano.

A segunda novidade era a formação de um mercado consumidor baseado na juventude, que se mostrou um excelente público-alvo das inovações tecnológicas que surgiam, inclusive das novidades fonográficas, como o rock.

Por último, Hobsbawm afirma que essa nova juventude era internacional. Com o advento da televisão, os jovens de todos os recantos do mundo acompanhavam o que acontecia nos demais países. Assim surge, na juventude, uma identidade global, identificada principalmente com o jeans e o rock. (HOBSBAWM, 1995, p. 319-320).

O MOVIMENTO DE CONTRACULTURA NO MUNDO

O caso dos Estados Unidos

Nos Estados Unidos, a segregação racial que, inicialmente, deveria ter acabado com a abolição da escravidão promulgada ao final da Guerra Civil (1861-1865) ocorrida naquele país, não foi efetivada na prática. Em pleno século XX, permanências do antigo modelo escravocrata continuavam latentes na relação entre brancos e negros nos Estados Unidos, além de mantidas legalmente, através da proibição dos negros em votar.

GUERRA CIVIL OU GUERRA DA SECESSÃO

Este conflito teve início após a independência dos Estados Unidos em relação à Inglaterra. Parte do território estadunidense tinha características escravocratas, era fundamentalmente exportadora de matérias-primas e importadora de produtos industrializados e possuía plantações monocultoras realizadas em latifúndios. Por outro lado, outra parte do território estadunidense era caracterizada pela industrialização, exportação de produtos industrializados, mãos-de-obra livre e agricultura de subsistência.

As diferentes características de cada parte do território estadunidense provocaram uma guerra civil na qual cada parte do território buscava impor suas características ao restante dos Estados Unidos. A parcela do território estadunidense caracterizada pela industrialização e mão-de-obra livre venceu a guerra e impôs sua forma de organização social, econômica e política a todo o território. Contudo, algumas características, como o preconceito dos brancos em relação aos negros recém-libertos da escravidão, permaneceram fortes entre a população.

Algumas lideranças negras se organizaram para lutar contra a permanência da segregação racial. Entre esses líderes se destacou Martin Luther King, pastor protestante e ativista em favor dos direitos civis dos negros. King inspirou-se nas propostas de desobediência civil e não-violência de Mahatma Gandhi para organizar protestos e passeatas em favor dos negros. Tais atos conquistaram diversos objetivos do movimento negro e também vários inimigos, que assassinaram Martin Luther King em 1968.

As diferenças de direitos e deveres existentes entre a população branca e a população negra estadunidense provocaram o surgimento de movimentos sociais que lutavam em prol da igualdade. Entre os manifestantes e organizadores desses movimentos destacou-se a figura de Martin Luther King.

Martin Luther King estimulava um movimento pacifista por parte dos negros, exigindo direitos por meio de discursos públicos, passeatas e demais ações que buscavam um confronto ideológico entre o desejo da população negra estadunidense e o Estado branco. Apesar de King ter sido assassinado por opositores, seu ideal de igualdade entre brancos e negros permaneceu forte, embora com ações mais violentas e conflituosas. Como resultado, a luta contra a segregação obteve o reconhecimento do Estado, que concedeu direitos aos negros, igualando-os, ao menos constitucionalmente, aos brancos.

Esse movimento de aproximação entre a cultura branca e a cultura negra já causara escândalos, quando a juventude branca passou a escutar ritmos de origem negra, como rhythm and blues. Elvis Presley foi o cantor que desafiou tanto brancos como negros ao criar o rock.

Através de uma junção de elementos e músicas da cultura negra, Elvis conquistou a fama. Contudo, enfrentou muitos preconceitos, pois era um homem branco cantando e tocando música oriunda da cultura negra e, portanto, era mal visto pelos brancos da elite. Por outro lado, os negros também não se identificavam com Elvis Presley, porque ele era um homem branco que cantava música negra, e esta deveria ser interpretada apenas pelos negros. Também o rebolado, que é uma característica das danças africanas, foi foco de críticas na sociedade moralmente conservadora dos Estados Unidos dos anos 1950 e 1960. Pode-se dizer que Elvis, além de um ícone da música mundial, também se tornou uma importante personagem no processo de fim da desigualdade racial nos Estados Unidos.

O CASO DA TCHECOSLOVÁQUIA

A Tchecoslováquia pertencia ao bloco socialista, formando a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. No entanto, a população tchecoslovaca desejava maior autonomia e liberdade da sociedade perante o Estado. Ou seja, a proposta do governo tchecoslovaco era promover

mudanças graduais com o objetivo de abrandar o autoritarismo soviético no país, criando assim um governo socialista e democrático ao mesmo tempo.

Embora a proposta tenha sido acolhida com entusiasmo pela população, o governo soviético não concordou com as mudanças idealizadas e lentamente praticadas pela Tchecoslováquia. Em um contexto no qual a União Soviética enfraquecia e o capitalismo conquistava mais adeptos, o temor soviético em permitir as mudanças desejadas pela Tchecoslováquia provocou uma invasão militar soviética ao território tchecoslovaco.

A invasão das tropas soviéticas foi violenta e reprimiu o movimento de maior democratização do Estado tchecoslovaco. Como resultado, a chamada Primavera de Praga – pois todas as ações aconteceram nessa estação do ano – foi sufocada, mas mostrou ao mundo como o bloco socialista estava fragilizado e dividido interiormente. É o que afirma Hobsbawm:

O “Programa de Ação do PC tcheco poderia ou não ter sido – mal-e-mal – aceito pelos soviéticos, embora movesse a ditadura unipartidária perigosamente em direção a uma democracia pluralista. Contudo, a coesão, talvez a própria existência do bloco soviético europeu oriental, pareceram estar em causa, quando a Primavera de Praga revelou, e aumentou, as fendas dentro dele. De um lado, regimes linha-dura, como a Polônia e a Alemanha Oriental, receavam desestabilização interna com o exemplo tcheco, que criticavam duramente; do outro, os tchecos eram entusiasticamente apoiados pela maioria dos partidos comunistas europeus (...). (HOBSBAWM, 1995, p. 388 - 389).

O CASO DO BRASIL

Desde 1964 o Brasil vivia sob uma ditadura militar, o que englobava a falta de liberdade política, a ausência de espaços de organização dos diferentes grupos sociais, a violência policial frente à população, a censura, prisões e torturas.

Seguindo um movimento internacional de questionamento perante as instituições e as autoridades, a sociedade brasileira, representada principalmente por sua juventude, passou a lutar de forma mais intensa contra o regime ditatorial.

A juventude brasileira havia mudado, a ingenuidade e a rebeldia adocicada que se limitavam a acelerar o carango, ter vários brotos e brigar na rua não davam mais pontos no Ibope. Os jovens queriam ir além e discutir comportamento, sexualidade, revolução. (NAPOLITANO, 2008, p. 74).

O Estado ditatorial e militar presente no Brasil levou a uma união da população em busca da luta pela redemocratização, pela liberdade de participação política e de pensamento. A luta por mudanças políticas no Brasil acarretou uma intensificação da linha dura do Estado.

A partir do aumento da organização da sociedade civil e do aumento dos protestos contra o Regime Militar, o Estado passou a agir com mais violência e a coibir quaisquer reuniões, aglomerações, agrupamentos de pessoas. A censura se fez sentir com mais intensidade e a liberdade de artistas, intelectuais, literatos, jornalistas diminuiu. O medo era um sentimento com o qual a população convivia, assim como a desconfiança.

No entanto, apesar de toda a força repressora do regime militar, a população continuava a atuar dentro das possibilidades de organização encontradas. Além disso, a classe artística teve papel fundamental na luta contra a opressão dos militares, ao criar espetáculos, músicas, filmes e demais formas de expressão questionadoras da realidade brasileira da época.

Apesar de o regime militar haver durado duas décadas e da luta da sociedade civil ter sofrido grandes perdas, o movimento de contracultura no país deixou um legado importante: a percepção das minorias. Mulheres, negros, homossexuais ganharam mais voz a partir dos movimentos engajados do período da ditadura militar. Era a contracultura brasileira: um misto de questionamento da moral tradicional, da sociedade patriarcal, da desigualdade racial e da falta de liberdade política.

O ano de 1968, assim como no mundo inteiro, mostrou-se no Brasil especialmente transformador. A arte se mostrava uma excelente alternativa para questionar, denunciar, lamentar o poderio militar. Com a canção “Caminhando”, apresentada no Festival Internacional da Canção, Geraldo Vandré sintetizaria essa relação. É o que afirma Marcos Napolitano, ao escrever:

Na finalíssima do FIC, com o Maracanãzinho lotado com trinta mil pessoas que cantaram “Caminhando” em coro, uma multidão continuou cantando a música enquanto ia embora para a casa. Talvez nunca mais tenha havido, na sociedade brasileira, uma síntese mais acabada entre arte, vida e política, como naquele momento. Antes de ser reflexo, a cultura era uma espécie de cimento que reforçava identidades e valores político-sociais que informavam aquela geração. (NAPOLITANO, 2008, p. 73).

Os movimentos contrários à ditadura levaram a um maior cerceamento da liberdade, com a imposição do AI-5, em dezembro de 1968. Apesar do temor das consequências que poderiam advir de seus atos, os artistas brasileiros continuaram atuando dentro dos espaços possíveis.

A música e os festivais de canções haviam enfraquecido, a censura atuava com rapidez sobre as produções musicais, exilando os principais artistas. Sendo assim, outros tipos de arte ocuparam o espaço question-

ador deixado pela música. Como afirma Marcos Napolitano, surgiu um movimento de guerrilha cultural através de mensagens e intervenções anônimas e clandestinas:

Por exemplo, (Cildo) Meirelles, por meio da técnica de decalque e silk-screen, gravava mensagens e opiniões críticas em garrafas vazias de Coca-Cola e cédulas, recolocando estes objetos em circulação na sociedade. Pequenas ações como estas mantinham o ethos da oposição ao regime em movimento e estabeleciam uma verdadeira rede de recados sutil, mas significativa. (NAPOLITANO, 2008, p. 79).

QUESTIONAMENTO DOS VALORES TRADICIONAIS

As barricadas francesas

Em 1968 os estudantes universitários franceses passaram a questionar a falta de voz dos estudantes dentro das instituições de ensino. A juventude francesa desejava mudanças que embora pudessem ter sido atendidas de forma, tiveram como resposta a violência do Estado.

As manifestações dos estudantes franceses encontraram um Estado violento contra o qual lutar e, embora a intenção estatal fosse impor sua autoridade e silenciar os estudantes, o resultado foi inverso, provocando o crescimento dos questionamentos e movimentos na sociedade francesa.

Paulatinamente outros setores da sociedade, como os trabalhadores industriais, passaram a apoiar o movimento estudantil e a propagar o desejo e a luta por mudanças na sociedade francesa.

A movimentação se propagou pelo continente europeu, dividido entre o bloco capitalista e o bloco socialista, entre uma camada social tradicional que governava e uma juventude questionadora e que desejava mudanças estruturais naquelas sociedades.

A LIBERALIZAÇÃO SEXUAL

Dentre os vários enfrentamentos ocorridos entre a juventude da contracultura e a sociedade tradicional, um dos movimentos mais marcantes foi a liberalização sexual. Com o advento da pílula anticoncepcional a sexualidade ganhou um horizonte mais largo, porque menos regulado pela natureza e mais controlado pela ciência. O controle das mulheres sobre o ciclo menstrual provocou um movimento de aproximação entre o comportamento sexual masculino e o feminino.

As mulheres que procuravam clínicas ginecológicas na década de 1970 mostravam ‘uma substancial diminuição no casamento formal,

uma redução no desejo de filhos [...] e uma mudança de atitude para a aceitação de uma adaptação bissexual. (HOBSBAWM, 1995, p. 315-6).

Durante séculos os homens viram-se com maior liberdade sexual do que as mulheres, tanto por questões culturais – como a sociedade patriarcal e a moralidade religiosa – quanto por questões naturais. Os homens não precisavam arcar com a gravidez indesejada, poderiam deixar as mulheres com as quais tinham tido relações sexuais arcarem sozinhas com a responsabilidade de cuidar de um filho não planejado.

As mulheres temiam a censura de pais e amigos, temiam a vergonha caso uma gravidez não planejada acontecesse, temiam ser abandonadas pelo seu parceiro caso uma gravidez acontecesse, temiam se tornar responsáveis por uma criança que não tinham desejado conceber.

A pílula anticoncepcional veio transformar esse panorama e o comportamento sexual feminino. As mulheres passaram a poder experimentar o sexo com mais liberdade e com menos temores, já que não se preocupavam com uma gravidez não planejada nem com as consequências que tal situação traria à sua vida.

A juventude passou a criar uma nova relação com o sexo, a qual foi evidenciada pelo movimento em defesa do sexo livre e o lema “sexo, drogas e rock’n roll”. A bandeira do sexo livre era uma forma de questionamento dos jovens perante uma sociedade marcadamente religiosa, sobretudo sob influência católica, que julgava os comportamentos e tolhia os impulsos. Além disso, a sexualidade tornou-se bandeira de luta contra os conflitos, armados ou não, que aconteciam no mundo. Com o lema “faça amor, não faça guerra”, o movimento de contracultura desejava o fim da Guerra do Vietnã, combatia a polarização do mundo entre capitalistas e socialistas, o Muro de Berlim e quaisquer conflitos em geral.

NOVAS IDENTIDADES

Todos os questionamentos surgidos no interior do movimento de contracultura representavam diferentes interesses de grupos diversos. Devido à especialização de algumas das bandeiras levantadas percebeu-se o afloramento de novas identidades de grupo.

Sendo assim, temos o movimento negro, com o “Poder Negro” ou “Black Power”, que buscava além de mais igualdade, menos preconceito, mais oportunidades, uma identidade para os negros. Essa identidade apareceu inclusive na forma de se vestir, no corte de cabelo, na figura de um líder (Martin Luther King).

As mulheres, por sua vez, também passaram a se organizar de forma a lutar por maior igualdade de oportunidades frente aos homens. Elas desejavam salários iguais e a possibilidade de ocupar cargos elevados em

empresas; desejavam, também, deixar a imagem de donas de casa para se tornarem responsáveis pelo sustento da família.

As mulheres objetivavam se tornar parceiras de seus maridos e não aquelas pessoas que cuidavam de sua casa e sua família. Desejam mais igualdade também no seio familiar, ao almejar a mesma autoridade desfrutada por seus maridos. É o que demonstra Hobsbawm, ao afirmar:

A entrada em massa de mulheres casadas – ou seja, em grande parte mães – no mercado de trabalho e a sensacional expansão da educação superior formaram o pano de fundo, pelo menos nos países ocidentais típicos, para o impressionante re florescimento dos movimentos feministas a partir da década de 1960. (HOBSBAWM, 1995, p. 305).

RESUMO

Nesta unidade você percebeu que o contexto de Guerra Fria e as crises das instituições que caracterizaram as gerações anteriores a 1960 foram o estopim de um movimento revolucionário denominado contracultura. Esse movimento acarretou transformações políticas, econômicas, sociais, morais e culturais que tiveram a juventude como principal agente de mudança.

Também destacamos a importância dos meios de comunicação para o desenvolvimento e fortalecimento desse movimento, que de motivações restritas a territórios específicos de cada país se expandiu para tornar-se um movimento mundial, onde a transmissão de informações e imagens via rádio e televisão foram essenciais.

Essa movimentação da juventude, que era o grupo social porta-voz dos questionamentos das instituições existentes nas sociedades, fez com que a cultura, ou manifestações culturais como a moda e a sexualidade, se tornassem armas de confronto e questionamento políticos. Tal característica ficou evidente e teve relevância muito grande no caso do Brasil, que enfrentava um regime ditatorial com muita censura e pouco espaço de expressão e mobilização. No Brasil da ditadura militar as manifestações culturais mostraram-se um forte foco mobilizador e questionador perante a ditadura e em direção à redemocratização.





ATIVIDADES

1. Leia o artigo “Impressões de 1968: contracultura e identidades”, de autoria de Cauê Krüger, e crie um texto de três laudas, expondo a relação entre o movimento de contracultura, predominantemente relacionado aos jovens, e a decadência das instituições e demais características das sociedades fundadas pelas gerações anteriores. Acesse o artigo em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewArticle/7926>
2. Contraponha, em um texto de cerca de uma lauda, a estrutura patriarcal que marcou as gerações anteriores ao movimento de contracultura e o crescimento da presença feminina nas sociedades a partir da década de 1960.

SUGESTÕES DE LEITURA

KRÜGER, Cauê. Impressões de 1968: contracultura e identidades. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*. Maringá, v. 32, n. 2, p. 139-145, 2010. Disponível no endereço: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewArticle/7926> .

HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Pp. 314-336.

NAPOLITANO, Marcos. *Cultura Brasileira: utopia e massificação (1950 – 1980)*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.